

## ANÁLISE SEMIÓTICA DE ESTEREÓTIPOS NO CIDADE ALERTA

### SEMIOTIC ANALYSIS OF STEREOTYPES IN *CIDADE ALERTA*

Rafael Santos da Silva <sup>1</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Paolo Demuru <sup>2</sup>

Universidade Presbiteriana Mackenzie

**Resumo:** A crítica do jornalismo tem estudado como visões estereotipadas da realidade contribuem para desumanizar e inferiorizar existências. Pensar em como o jornalismo pode produzir notícias em que se escutem uma pluralidade maior de vozes é fundamental para combater a epidemia de discursos intolerantes na prática discursiva cotidiana. Este trabalho contribui para a crítica do jornalismo ao lançar um olhar sobre a construção discursiva dos estereótipos sociais. Por meio da abordagem da semiótica discursiva, procuramos mostrar o processo de discursivização de estereótipos no jornalismo, especificamente o do gênero sensacionalista. São analisados aspectos verbais e visuais de um conjunto de reportagens do telejornal *Cidade Alerta* para apontar como o enunciador desse programa depende da estereotipificação de atores do discurso e espaços para manter o canal de comunicação com os espectadores. Combinando arranjos figurativos e temáticos à gramática narrativa, o enunciador do programa transita entre os efeitos de sentido de objetividade e subjetividade para camuflar essa visão estereotipada e promover discursos intolerantes em seus comentários das notícias.

**Palavras-chave:** semiótica discursiva; jornalismo; estereótipos; discurso intolerante.

**Abstract:** The critique of journalism has examined how stereotyped representations of reality contribute to the dehumanization and marginalization of individuals. Reflecting on how journalism can produce news that incorporates a broader plurality of voices is essential to counter the proliferation of intolerant discourse in everyday communicative practices. This study contributes to journalism criticism by analyzing the discursive construction of social stereotypes through the framework of discursive semiotics, with a particular focus on the sensationalist genre. It examines both verbal and visual aspects of a set of broadcasts from the TV news program *Cidade Alerta*, showing how its enunciator relies on the stereotyping of discursive actors and spaces to maintain a communicative channel with viewers. By combining figurative and thematic configurations with narrative grammar, the program's enunciator oscillates between effects of objectivity and subjectivity, thereby masking stereotyped representations and fostering intolerant discourse in its news commentary.

**Keywords:** discursive semiotics; journalism; stereotypes; intolerant discourse.

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: [rassansilva2@gmail.com](mailto:rassansilva2@gmail.com).

<sup>2</sup> Formação, instituição de atuação. Doutor em Semiótica pela Universidade de Bologna- Docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail [paolodemuru@gmail.com](mailto:paolodemuru@gmail.com):

## Introdução

No dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo “estereótipo” possui, entre outras, a seguinte definição: “placa ou clichê utilizado em estereotipia” (Houaiss, 2026<sup>3</sup>). No contexto da tipografia, o estereótipo é um tipo de molde fixo que permite a reprodução de elementos gráficos. Em seu sentido figurado, também dicionarizado, empregamos esse substantivo para designar uma ideia preconcebida que tende a reproduzir e corroborar valores histórica, social e culturalmente sedimentados.

Embora a semiótica não tenha desenvolvido nítida e especificamente o conceito de estereótipo (cf. Cosenza, 2023), existem alguns potenciais caminhos a serem explorados para avançar nesta tarefa. Antes de tudo, é possível afirmar que os estereótipos sociais podem ser estudados como revestimentos semânticos, narrativos, figurativos, temáticos, plásticos para a determinação da alteridade (Greimas; Courtés, 2008; Landowski, 2002; Barros 2011). Sua finalidade é identificar e sancionar, por meio da seleção de traços distintivos elementares de diversas ordens e níveis semióticos, bons e maus cumpridores de contratos sociais (Greimas, 2014). Um sujeito intolerante que julga o outro com base em estereótipos o faz a partir de elementos (semas, programas narrativos, figuras, temas e papéis temáticos, formantes plásticos) que o diferenciam daqueles a quem direciona seu medo e seu ódio (Barros, 2011). É graças a existência e à recorrência de tais arranjos temáticos e figurativos, organizados em percursos narrativos estáveis e analisáveis, que enunciados gerais como “as pessoas pretas são mais propensas à criminalidade”, “os imigrantes roubam nossos empregos” ou “os homossexuais destroem as famílias”, sedimentam-se no senso comum, instituindo visões de mundo e crenças compartilhadas.

Sendo assim, os estereótipos, vistos pela lente da semiótica discursiva, podem ser descritos não apenas pela recorrência de esquemas plásticos, figurativos, temáticos, narrativos e semânticos, mas, também, pela sua correlação com o processo discursivo de construção e cristalização de crenças preconceituosas, com ênfase no papel que têm na

---

<sup>3</sup> Versão on-line. Disponível em: [https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol\\_www/vopen/html/inicio.php/](https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/vopen/html/inicio.php/). Acesso em: 06 mai. 2026.

promoção de discursos intolerantes na sociedade. Lado a lado com o preconceito, o estereótipo pode ser entendido como um equivalente de um papel temático cristalizado pelo uso e que revela e reforça padrões para uma determinada cultura (Cosenza, 2023; Greimas, 2014). A análise de tais padrões pode ser feita através da investigação das camadas de sentido dos textos produzidos por uma determinada sociedade (Greimas; Courtés, 2008).

A partir desses pressupostos, e abordando o estereótipo nas arestas entre as ciências da linguagem e as ciências sociais (Amossy; Pierrot, 2022), buscamos, neste artigo, contribuir com as pesquisas sobre o discurso intolerante (Barros, 2011) e a identificação de estereótipos sociais em textos de comunicação de massa (Cosenza, 2023). Para tanto, propomos analisar a construção de estereótipos no discurso do telejornal *Cidade Alerta*. Em particular, iremos nos deter em um *corpus* de reportagem sobre o crime contra crianças. Tal escolha se deve ao fato de que o crime contra crianças se apresenta como um terreno fértil para o recrudescimento de papéis e padrões temáticos e figurativos cristalizados no seio da sociedade, principalmente no que diz respeito à população das periferias das grandes cidades (Cervelli, 2012).

Optamos por observar a construção dos estereótipos sociais no âmbito do jornalismo pois este constitui uma prática social que afirma ter um caráter de prestação de serviço público, assumindo o compromisso de levar informações objetivas ao maior número de pessoas possível para promover transformações sociais. No entanto, muitas vezes, acabam por consolidar preconceitos historicamente sedimentados.

Três são as perguntas que orientam o nosso percurso de pesquisa: (i) como o arranjo figurativo-temático narrativo constrói estereótipos? (ii) Como estes são discursivamente camuflados no discurso midiático que se vende como absolutamente objetivo? (iii) Como esses estereótipos contribuem para que existências já social e economicamente inferiorizadas sejam sobrerrepresentadas na seção de crimes violentos do telejornal?

Para responder a tais questões, nos baseamos no referencial teórico-metodológico da semiótica discursiva (Greimas; Courtés, 2008), cujo modelo fornece lentes e instrumentos capazes de detalhar os componentes que atuam no processo de formação do estereótipo, tais como figuras, temas, actantes, programas narrativos, formantes plásticos, entre outros. Além disso, a tradição crítica da semiótica discursiva (Barros, 2011) permite tecer tramas entre os

arranjos das microestruturas presentes em um texto específico e as macroestruturas sociais que contribuem à sua emergência, e vice-versa, mostrando como há uma correlação íntima e profunda entre senso comum, discurso e produção textual (Fiorin 1988).

## 1. O *Cidade Alerta*

O *Cidade Alerta* estreou no final de 1995 e, embora tenha sido suspenso algumas vezes, continua sendo transmitido ininterruptamente desde 2012, período no qual foi apresentado por Marcelo Rezende e seu substituto, Luiz Bacci, que assumiu a condução após o falecimento de Rezende, em 2017, permanecendo no cargo até janeiro de 2025.

Conforme argumenta Oliveira (2011, p. 121), o *Cidade Alerta* é “um telejornal do subgênero jornalismo policial, considerado um programa temático de teor sensacionalista e espetacular nas notícias, em que a violência urbana está sempre em primeiro plano”. Na segunda década do século XXI, o programa ultrapassou as barreiras do meio televisivo e tem uma forte presença na Internet, principalmente por meio do seu canal na plataforma de vídeos YouTube. Com pouco mais de 7 milhões de inscritos<sup>4</sup>, o canal contempla reportagens que acumulam facilmente mais de 1 milhão de visualizações. Além disso, o apresentador Luiz Bacci possuía uma conta no Instagram com mais 24 milhões de seguidores<sup>5</sup>, na qual costumava publicar os mesmos casos que o programa exibia, sem restrições de comentários, diferente do que acontecia no YouTube, onde essa função era desativada. Dessa forma, o engajamento era alcançado tanto no programa quanto na sua página pessoal no Instagram.

Atendendo às determinações do jornalismo “sensacionalista e espetacular” (Oliveira, 2011, p. 121) de causar um impacto sensível mais imediato possível, o *Cidade Alerta* busca, em primeiro lugar, a adesão sensível do espectador (Landowski 2014), à qual está ancorado um preciso quadro de valores. Para tanto, ele serve-se com frequência do “comentário”, gênero discursivo que, em geral, produz um efeito de subjetividade (Barros *et al.*, 2025). No entanto, quando usado em um telejornal – ainda que predominantemente opinativo, como o

---

<sup>4</sup> Informação obtida em: <https://www.youtube.com/@CidadeAlertaRecord>. Acesso em: 16 abr. 2026.

<sup>5</sup> Dado extraído de:

[https://www.instagram.com/luizbacci?utm\\_source=ig\\_web\\_button\\_share\\_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw==](https://www.instagram.com/luizbacci?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNIZDc0MzIxNw==). Acesso em: 16 abr. 2026

caso do *Cidade Alerta* – ele tende a transformar opiniões em realidade objetivas, tornando-as verdades factuais.

Em seu trabalho sobre a enunciação no telejornalismo, Yvana Fachine (2008) destaca como telejornais opinativos apresentam uma hierarquia em que a voz do apresentador está em uma posição superior às demais. O apresentador toma a palavra delegada pelo enunciador do telejornal e é autorizado a fazer comentários e interpretar subjetivamente as notícias e, na medida que se confunde, ou se funde, com o enunciador do programa, embaralham-se as instâncias enunciativas e torna-se complexo discernir a quem a opinião pertence.

No *Cidade Alerta*, o apresentador ganha liberdade para proferir enunciados como o seguinte: “Você matou com sete facadas, você vai tomar sete facadas. Nossa, Bacci, pelo amor de Deus, você está amargo hoje, você está azedo.” (Cidade Alerta, 2024). Do ponto de vista enunciativo, reafirmar o caráter subjetivo do comentário, como Bacci costuma fazer, aparenta isentar o enunciador Rede Record da responsabilidade por aquilo que é enunciado por ele. Contudo, como vimos, o arcabouço enunciativo cria nebulosas nas quais os confins entre o subjetivo e objetivo não são tão nitidamente perceptíveis (Fachine, 2008).

Não é nossa intenção, neste artigo, nos aprofundarmos na análise dos efeitos de sentido de objetividade e subjetividade do *Cidade Alerta*. Dito isso, é importante deixar claro que as notícias recortam a realidade, elas não são a própria realidade (Moreira, 2006). Uma mesma reportagem pode ser abordada de formas diferentes, e com finalidades distintas. Como defende Moraes (2022, p. 196), é possível produzir notícias assumindo um olhar que busque “desnaturalizar” o senso comum, e portanto, os estereótipos sociais. Deixar de questioná-los e, em vez disso, usá-los como estratégia argumentativa – reforçando sua inserção e difusão na esfera pública – é uma escolha do enunciador, que, ao delegar a palavra ao jornalista apresentador, se funde a ele, camuflando sua subjetividade enquanto, paralelamente, aparenta promover uma objetividade idealizada.

## **2. O corpus da pesquisa**

Nossa base de dados conta com reportagens que foram originalmente exibidas no telejornal entre 2023 e 2024 e posteriormente publicadas no canal do YouTube do programa

nesse mesmo período. Existe uma *playlist* exclusiva para o crime contra crianças, o que revela sua centralidade na estratégia de persuasão do enunciador, bem como seu impacto em termos de visualizações e engajamento, justificando, assim, esse recorte.

Para dar conta dos diferentes discursos utilizados pelo telejornal, foram criadas específicas categorias de análise. Em particular, escolheu-se focar nas figuras, nos temas e nas suas correlações, na intenção de observar seu papel na emergência e na consolidação de estereótipos sociais. Nesse sentido, os dados oferecem hipóteses a serem confirmadas em pesquisas futuras. Por exemplo, dos 128 vídeos que compõem o nosso conjunto de dados, 42 apresentam suspeitos pretos, pardos ou indígenas. Esse dado parece apontar para uma sobre-representação dessas classes no contexto de crimes violentos, o que parece contribuir com a difusão de estereótipos sociais preexistentes, já que o *Cidade Alerta*, em geral, não discute de maneira aprofundada a vulnerabilidade social de tais grupos, evitando refletir sobre sua correlação com o índice de crimes violentos por eles cometidos.

Com base nessas primeiras considerações, optamos por nos deter na análise dos papéis temáticos de “pai” e “mãe”, buscando compreender como e porque, quando atrelados a estereótipos sobre grupos sociais minorizados e marginalizados como aqueles acima mencionados, eles revelam e corroboram com discursos intolerantes.

### **3. O Percurso Gerativo de Sentido**

No quadro da semiótica discursiva, o texto é o modelo basilar para a construção do sentido. Embora a concepção do senso comum sugira que o texto se limita aos signos verbais, o modelo proposto por A. J. Greimas expande essa noção, já que não restringe os elementos de significação textual à linguagem verbal. Dessa forma, nosso objeto de pertinência é o texto concebido como um “todo de significação” composto por diferentes linguagens e um objeto de “comunicação entre [ao menos] dois sujeitos” (Barros, 2005, p. 12), cuja interpretação está sujeita aos princípios de construção internos do texto e a relação dessas estruturas com o contexto sociocultural e histórico.

Usando uma metáfora do texto como tecido que foi produzido por alguém, podemos dizer que o sentido manifestado não está apenas em cada trama que une os filamentos, e sim

no produto final que pode revelar, inclusive, quem foi seu produtor. Desse modo, ainda usando um raciocínio metafórico-figurativo, olhamos não apenas o tecido – o produto – mas as linhas, as costuras, os padrões, o tecelão e a interação dele com a pessoa a quem se destina o “tecido”: enfim, todo o processo, e, para isso, fazemos “o exame tanto dos mecanismos internos quanto dos fatores contextuais ou sócio-históricos de fabricação do sentido.” (Barros, 2005, p. 12). Para dar conta do intrincado processo de construção do sentido, lançamos mão de uma das grandes contribuições da proposta teórico-metodológica da semiótica discursiva: o Percorso Gerativo de Sentido.

Segundo esse modelo, à emergência e interpretação do sentido dos textos subjaz uma estrutura dividida em patamares, cada um dos quais “susceptível de receber uma descrição adequada, que mostra como se produz e se interpreta o sentido, num processo que vai do mais simples ao mais complexo.” (Fiorin, 2000, p. 17). Como nosso foco aqui são os estereótipos, vamos dar primazia ao nível da manifestação, que é o discursivo, no qual nos detemos na semântica discursiva porque, primordialmente, nosso interesse é nos investimentos semânticos, ou seja, os significados aderidos aos moldes sintáticos do nível narrativo, que é o patamar imediatamente abaixo do discursivo, que é sucedido pelo nível profundo, onde se encontram as estruturas de oposições fundamentais. Ainda que a classificação desses níveis do Percorso Gerativo de Sentido não pressuponha uma hierarquia, entendemos que as estruturas do discurso se encontram em uma “superfície” em oposição aos elementos do nível fundamental, ou profundo, que formam a base da construção de qualquer texto.

No nível superficial, o do discurso, os estereótipos podem ser percebidos como aquele ponto de convergência de traços semânticos recorrentes a que nos referimos ainda na Introdução. No entanto, somente observar, em termos estatísticos e quantitativos, as representações padronizadas apreendidas nesse nível superficial não é suficiente para uma análise que gere conclusões sobre como o discurso midiático (Cosenza, 2023), em especial o jornalismo sensacionalista, se alimenta e reforça estereótipos.

Assim, o entendimento do estereótipo como papel temático fixo abre um caminho viável ao seu sentido nos níveis mais profundos do percurso gerativo, para que, chegando até as oposições do nível fundamental, seja possível identificar as determinações ideológicas do

enunciador e repensar o papel dos discursos na manutenção de preconceitos (Barros, 2011). Se o sentido das notícias emerge como uma visão estereotipada da realidade, isso aponta para um esforço da classe midiática que as produz pela manutenção da ordem social já estabelecida. Desigual, essa ordem cria e mantém fossos entre as pessoas, cuja distância só aumenta quando os discursos reafirmam crenças do senso comum em vez de buscar aprofundar e complexificar o conhecimento sobre a realidade social. O enunciador do *Cidade Alerta* consolida e reafirma os estereótipos sociais através do arranjo figurativo e temático para inferiorizar as existências representadas. Como veremos, aproveitando-se dessa arquitetura discursiva combinada ao grande poder persuasivo do discurso passional de seu apresentador, esse enunciador camufla estrategicamente, sob um véu de credibilidade e objetividade, a subjetividade opinativa que interpreta as notícias.

#### 4. Análise

A análise dos estereótipos revela uma disposição de recorrências (isotopias, conforme a terminologia semiótica) temáticas e figurativas que se sobrepõem a estruturas mais profundas e imanentes do Percurso Gerativo de Sentido, como o nível narrativo e o nível das estruturas fundamentais, no qual entram em jogo os valores semânticos e as suas articulações.

Embora não dirija seu discurso contra uma classe social específica, por exemplo, os migrantes, a população negra, nordestinos etc., a estratégia discursiva do programa é fortemente dependente de um arranjo que explicita as diferenças do *outro* com figuras que possam ser facilmente reconhecíveis e carreguem um componente cultural que permita apreender oposições de valores, como o civilizado versus incivilizado, moral versus amoral, animal versus humano etc.

Um caso emblemático desse arranjo são as reportagens que dão destaque às multidões em cenas de linchamento. O foco das imagens e da composição figurativa é aqui relativo ao aspecto corpóreo, que aproxima as vítimas revoltadas contra a criminalidade ao comportamento de incivilidade e selvageria. Ao passo que os comentários do apresentador do programa justificam a fúria das turbas como indignação compreensível, as imagens, repetidas muitas vezes, constroem o ambiente caótico que o enunciador procura confirmar,

destacando, além da força corpórea da própria multidão, figuras como velas, casas sem acabamento, ruas sem asfalto, matagal, escuridão.

Nesse caso específico das cenas de linchamento, a arquitetura discursiva estruturada com estereótipos é até evidente e revela a sanção imposta aos maus cumpridores do contrato social, que não é apenas a morte violenta, mas também a convivência em um ambiente de caos que exige que a violência seja combatida com outra violência. No entanto, o linchamento apenas figurativiza um ponto culminante de uma série de outras quebras de contratos sociais que, por meio dos estereótipos, ocultam uma rede de discursos intolerantes que deixam de ser problematizados pelo *Cidade Alerta* em suas reportagens sobre crimes contra crianças.

#### **4.1. O estereótipo da periferia**

Cosenza (2023) reflete sobre a noção de equivalência entre os conceitos de estereótipo e papel temático. Nessa reflexão, a semioticista italiana destaca a vantagem dessa abordagem, que permite que o estereótipo seja compreendido não apenas como um ponto de convergência de reiterações de traços semânticos, mas como um actante-sujeito do nível narrativo do Percurso Gerativo de Sentido (Cosenza, 2023). Ou seja, o estereótipo social pode ser estudado como uma função narrativa elementar que recebe investimentos diversos ao longo do Percurso Gerativo de Sentido (Greimas; Courtés, 2008). Nesse esquema, a função narrativa do estereótipo é fixa, ao passo que seus revestimentos figurativos e temáticos podem ser variados. Vamos exemplificar tais mecanismos nas páginas a seguir, procurando demonstrar como o padrão de representação da periferia nas reportagens do telejornal *Cidade Alerta* revela uma precisa visão de mundo do enunciador Rede Record de televisão.

Sob uma perspectiva puramente geométrica, o substantivo periferia significa a linha que delimita uma superfície (Houaiss, 2026). Por outro lado, na perspectiva econômica e social, em uma cidade, principalmente uma grande metrópole, a posição no espaço deixa de ser apenas uma coordenada e recebe uma outra valoração, que foge dos limites da geometria. Tal valoração vai ser construída com elementos figurativos extraídos do mundo natural (Greimas, 1975). O enunciador do *Cidade Alerta* se vale recursivamente do gênero

sensacionalista do telejornal (Oliveira, 2011) para espetacularizar o cotidiano, o que implica em um enfoque da periferia que dramatiza o ambiente. Dessa forma, a segregação do espaço, que não é apenas geográfica, é mostrada com destaque: matagal, ruas sem calçamento, casas sem acabamento, vielas estreitas, barracos, escuridão etc. É uma escolha da Rede Record, como enunciador do telejornal, figurativizar o espaço para atender à sua finalidade argumentativa. São as próprias reportagens que permitem fazer o caminho até o estereótipo, que recebe investimentos figurativos recorrentes mas variáveis (isto é, o barraco, a favela, a viela, o escuro etc.), e pode ser, ainda, uma função na sintaxe narrativa que permite seu estudo como invariante.

Ainda que nem todas as reportagens analisadas neste artigo tenham como cenário a periferia, as que geram mais comoção e engajamento<sup>6</sup> contam, de uma maneira espetacular, histórias de sujeitos segregados. A partir dessa ênfase na distinção, é possível retomar o que Barros (2011) fala sobre a construção discursiva dos discursos intolerantes, que se valem de traços distintivos para justificar o medo e o ódio a quem se direcionam.

#### 4.2. A mãe

E aí, sai de casa, larga a criança sozinha pra ir ao forró? Pra ir ao forró? Bota tudo isso de filho no mundo sem ter condições de criar, pra ir ao forró? Larga uma criança de quatro anos sozinha em casa? Desculpa, Percival, não entra na minha cabeça, Perci. Espero que o delegado chegue até a gente e nos conte que isso daí não foi comprovado, que essa mulher não fez nada disso. (Cidade Alerta, 2024).

Esse trecho faz parte de uma reportagem sobre Kemilly, uma menina de 4 anos que é deixada em casa sozinha, junto com seus irmãos, de 7 e 8 anos, pela mãe, que supostamente vai a um baile de forró. A menina sofre violência sexual e é assassinada. O principal motivo da indignação do apresentador não é a morte da criança, e sim o não cumprimento do papel social da mãe, isto é, aquela que cuida. Em nossa sociedade, a expectativa social é a de que

---

<sup>6</sup> Um exemplo dessa comoção é o caso de uma menina chamada Sophia, moradora da periferia da cidade do Rio de Janeiro. Há dois vídeos da série de reportagens em nosso *corpus*, a primeira do dia 28/05/2024; a segunda de 31/05/2024. O número total de visualizações dessas duas reportagens ultrapassa um milhão, com um engajamento de mais de 27 mil curtidas.

o trabalho de cuidado fique a cargo da mulher (hooks, 2018). Portanto, a mãe dessa menina é uma má cumpridora do contrato social.

Esse julgamento recai apenas sobre a mãe da menina. A reportagem não fala sobre a existência de um pai, o que, dedutivamente, leva à conclusão de que se trata de uma mãe solo que cuida de três filhos em Nova Iguaçu, cidade na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ocultar ou dar pouco destaque também é uma estratégia de persuasão. Desse modo, o enunciador do *Cidade Alerta* opta por não mencionar outro elemento figurativo importante dos percursos narrativos de ruptura de relacionamentos: o abandono parental. Ao comentário apaixonado e moralizante do apresentador que condena a mãe subjaz um discurso de caráter machista que, além de reforçar a crença de que a mulher é geradora e, portanto, principal responsável pelo cuidado dos filhos, naturaliza o abandono parental.

**Figura 1.** Captura do vídeo “Caso Kemilly: Primo confessa que estuprou e matou a menina de 4 anos”, datado de 11/12/2023.



Fonte: Canal do Cidade Alerta no YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p0LRk1jgZAo&list=PPSV&t=39>  
8s. Acesso em: 17 jun. 2025.

O estereótipo da mãe má cumpridora de seu papel social emerge da homologação do sentido entre os planos verbal e visual. Ainda que explorada figurativamente em outras imagens, a vulnerabilidade social a que essa mulher está sujeita não é mencionada, tão pouco problematizada. O enfoque está quase inteiramente no não cumprimento do papel social da mãe. Além da pele escura, é possível ver seu cabelo crespo, o olhar abatido, uma blusinha que deixa os ombros à mostra, que dão uma “cara” às mulheres más cumpridoras do contrato social do cuidado.

Essa poderia ser a “cara” de outras 11 milhões de mulheres que, segundo uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas, são mães solo no Brasil. Sendo que 90%<sup>7</sup> dessas mulheres têm a pele negra como a mãe de Nova Iguaçu. Independente dessa mulher ser culpada ou não pelo abandono de sua filha, o sensacionalismo aproveita estrategicamente do descumprimento do papel de cuidado esperado do ator social mãe para sua dramatização e, dessa forma, oculta discursos que não apenas naturalizam o abandono parental, mas também não problematizam a falta de uma rede apoio social para mães solo.

### 4.3. O pai

A separação de casais é um fenômeno observado em todas as classes sociais. Quer esses casais tenham uma união oficializada pelo casamento civil e se divorciem, quer não, a possibilidade de deixar um relacionamento que, por diversos motivos, não deu certo cria novas configurações familiares. Assim como acontece com outros fenômenos sociais, pode haver opiniões contrárias e favoráveis a separações e ao divórcio. A opinião de que é melhor deixar uma união que não vai bem a permanecer nela e se sujeitar a viver em um ambiente turbulento se apresenta como sensata mesmo não encontrando respaldo nas expectativas sociais construídas discursivamente sobre o casamento e as uniões entre casais.

O final de uniões, sejam elas oficiais ou estáveis, é um elemento figurativo importante no discurso sobre o crime contra crianças do *Cidade Alerta*. Embora não faça uma associação direta entre os crimes e as separações, o enunciador acredita que o fim do casamento motiva um grave crime como feminicídio, como é possível ver na captura de tela a seguir, extraída de outra reportagem do corpus:

**Figura 2.** Captura do vídeo “Homem não aceita ver a ex em nova relação e atea fogo em apartamento com os filhos dentro”, datado de 14/09/2024.

---

<sup>7</sup> A pesquisa traz dados do ano de 2023 e foi publicada pela revista *on-line* Marie Claire. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/maes-e-filhos/noticia/2023/08/abandono-paterno-brasil-machuca-criancas-maes-solo.ghtml>. Acesso em: 30 set. 2025.



Fonte: Canal do Cidade Alerta no YouTube. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=BJy62TLovRQ&list=PPSV&t=85>  
 s. Acesso em: 17 jun. 2025.

Não fica explicitamente claro quem terminou o casamento, mas o verbo “aceitar” fornece uma pista importante, já que pressupõe uma resolução prévia antes da comunicação efetiva do término do casamento, que, a que tudo indica, foi tomada pela esposa, não pelo incendiário, que, por entender que esse fim de relacionamento é uma quebra do cumprimento do papel de sua esposa como cônjuge e mãe, tenta matá-la junto com seus filhos. Essa atitude desproporcional demonstra o poder da crença da posse da mulher pelo homem justificada por discursos que inferiorizam as existências femininas.

A escolha dessa forma de enunciar faz emergir outro estereótipo do *Cidade Alerta* para os casos de violência contra mulher e crianças, o do criminoso passional. Embora essa designação estereotipada não se aplique apenas ao ator pai, ela é muito mais comum nos crimes de homicídio em função do gênero que, por serem tão graves e corriqueiros, ganharam a tipificação específica de feminicídio.

O feminicídio é um problema de segurança pública. Os dados do 19º Anuário de Segurança Pública, de 2025, mostram que a violência em geral teve queda, mas que a violência de gênero, uma grave ameaça à segurança pública do nosso país, subiu<sup>8</sup>. A presença desse tema na mídia em geral tem aumentado a visibilidade do problema; no entanto, a

<sup>8</sup> Notícia divulgada no portal de notícias g1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/07/24/anuario-brasileiro-da-seguranca-publica-mortes.ghtml>. Acesso em: 03 ago. 2025.

cobertura sensacionalista do *Cidade Alerta* contribui muito pouco para promover novos discursos e expor o machismo estrutural na sociedade, visto que o programa, para manter a espetacularização, opta pelo enfoque no percurso temático da vingança.

A passionalidade da vingança é explorada para reger as transformações dos estados dos sujeitos e o encadeamento lógico do não cumprimento dos papéis temáticos dos atores que resulta no crime. Só para esclarecer, quando dizemos “ator”, estamos nos referindo a um ator do discurso, não de carne e osso. O ator recebe esse nome porque, ao ser estudado no nível discursivo, revela papéis temáticos geralmente “humanos e socializados” (Bertrand, 2003, p. 416). A sociedade espera que esse ator, o pai, seja um provedor e protetor, não um assassino; assim como espera que a mãe cumpra seu papel de genitora e cuidadora. Sendo assim, o percurso temático da vingança tem em sua origem o descumprimento dos papéis temáticos: o do pai que, absurdamente tenta assassinar a mulher e os filhos e o da mãe que coloca fim ao relacionamento.

Aqui, diferentemente do que foi exposto no tópico anterior sobre o estereótipo da mãe solo, os elementos figurativos para dar uma “cara” ao criminoso passional não são tão importantes, sendo o principal elemento persuasivo do enunciador do *Cidade Alerta*, neste caso, o percurso temático da vingança. Dessa forma, esse enunciador, além de empregar uma linha de leitura muito conhecida para as reportagens, já que a vingança é um tema muito presente no imaginário social, releva seu papel como destinador de valores que, ao atribuir ao término do relacionamento a motivação para o crime, faz uma sanção também do ator mãe por não cumprir seu papel temático na manutenção do casamento, contribuindo para culpabilizar a vítima pelo ocorrido, sem uma crítica à rede de discursos machistas que fundamentam a hierarquização dos papéis não só no casamento quanto na sociedade e naturalizam a existência do sentimento de posse que, ao ser contrariado, leva ao cometimento dos crimes brutais cuja cobertura explora a comoção não para construir discursos que promovam condições de igualdade para as vítimas, e sim para manter e ocultar a estrutura machista que mata mulheres diariamente.

## **Conclusão**

A televisão ainda é um meio de comunicação de grande abrangência, especialmente em populações com acesso mais restrito a outras modalidades de mídia. Aliando a credibilidade do jornalismo televisivo à velocidade de comunicação da Internet, o *Cidade Alerta* busca manter sua relevância como veículo informativo. Para isso, além do poder da difusão, o telejornal depende fortemente do gênero sensacionalista para manter o canal de comunicação aberto com os espectadores e visualizadores dos vídeos na plataforma YouTube. A crítica do jornalismo tem estudado como o gênero sensacionalista especificamente se vale de visões estereotipadas da realidade para promover discursos que inferiorizam existências (Moraes, 2022). Nesse enfoque das notícias, telejornais como o *Cidade Alerta* dramatizam e espetacularizam o cotidiano para alcançar não só audiência, mas também engajamento nas redes sociais. Da perspectiva dos estudos discursivos, os estereótipos sociais são um padrão de semantização tanto de atores do discurso quanto de espaços que revela ideias preconcebidas baseadas não no conhecimento comprovado cientificamente, mas no senso comum. Nossa análise tem como objetivo mostrar como esses estereótipos sociais são construídos discursivamente. Dessa forma, aplicamos a abordagem teórica-metodológica da semiótica discursiva para estudar um conjunto de reportagens do *Cidade Alerta* sobre o crime contra crianças. Neste artigo analisamos especificamente os atores do discurso “pai” e “mãe” e como os arranjos figurativos e temáticos são combinados à gramática narrativa para produzir o sentido da participação desses atores no crime contra crianças do ponto de vista do enunciador do *Cidade Alerta*. No processo de discursivização desse tema, o enunciador usa o gênero discursivo do comentário para argumentar em favor dessa visão estereotipada e transita entre efeitos de sentido objetividade e subjetividade para camuflar um discurso intolerante que desumaniza não só os criminosos, mas também as vítimas.

## Referências

AMOSSY, Ruth; PIERROT, H. Anne. **Estereótipos e clichês**. Trad. Alena Ciulla *et al.* São Paulo: Contexto, 2022.

BARROS, Diana Luz Pessoa de *et al.* **A construção da verdade**. São Paulo: Contexto, 2025. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/>. Acesso em 05 mai. 2026.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.). **Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas**. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. O discurso intolerante na internet: enunciação e interação. In: XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA (ALFAL), 2014, João Pessoa, Anais [...]. Paraíba: Universidade Federal da Paraíba, 2014. p. 3660-3671. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/listaresumos.htm>. Acesso em: 05 mai. 2026.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. 4. ed. 6. reimpr. São Paulo: Editora Ática, 2005.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

CERVELLI, Pierluigi. Politiche della sicurezza e forme del controllo. Una prospettiva semiotica. **Ocula**, Bologna, vol.13, n.13, 2012. DOI: 10.12977/ocula11. Disponível em: <https://www.ocula.it/metadata.php?id=301>. Acesso em: 06 mai. 2026.

COSENZA, Giovanna. Stereotypes and Prejudices. From Social Sciences to Semiotics. **E/C**, v. 37, p. 243-257. Disponível em: <https://cris.unibo.it/handle/11585/937002?mode=simple#>. Acesso em: 06 mai. 2026.

DEMURU, Paolo. Gastropopulism: a sociosemiotic analysis of politicians posing as “the everyday man” via food posts on social media. **Social Semiotics**, v. 31, n. 3, p. 507-527. DOI: 10.1080/10350330.2021.1930800. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2021.1930800>. Acesso em: 05 mai. 2026.

FECHINE, Yvana; LIMA, Luísa Abreu e. **A linguagem da reportagem**. Recife: Ed. UFPE, 2021. Disponível em: <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/704>. Acesso em: 05 mai. 2026.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 15, n. 36, p. 69–76, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2008.36.4417. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/4417>. Acesso em: 07 mai. 2026.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Trad. Alceu Dias Lima *et al.* São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, Algirdas Julien. Semiótica figurativa e semiótica plástica. Trad. I. A. Silva. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.). **Semiótica plástica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido**. Vários tradutores. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. São Paulo: Edusp, 2014.

HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo:** políticas arrebatadoras [recurso eletrônico]. Trad. Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro:** ensaios de sociossemiótica. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate:** subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso:** análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo. 2006. Dissertação (Comunicação e Informação) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/7773>. Acesso em: 05 mai. 2026.

OLIVEIRA, D. Cidade Alerta: jornalismo policial, vigilância e violência. In: GOMES, IMM. (Org.). **Gênero televisivo e modo de endereçamento no telejornalismo** [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, p. 121-150. ISBN 978-85-232-0797-7. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/9wgnc/pdf/gomes-9788523211998-06.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2026.